

RESUMO - SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

**A ESTRATIFICAÇÃO DA ESCOLARIDADE E O LUGAR DA EJA EM  
BANCOS DE DADOS SOCIOLINGUÍSTICOS**

*Camila Witt (camilaulrich@unipampa.edu.br)*

*Gabriela Tornquist Mazzaferro (gabrielatornquist@unipampa.edu.br)*

*Leonor Simioni (leonorsimioni@unipampa.edu.br)*

Reconhecendo o importante papel da escolaridade na variação linguística (cf. Labov, 1972), este trabalho tem como objetivo discutir os possíveis impactos dos critérios de estratificação dessa variável em bancos de dados sociolinguísticos, tomando como base a constituição do banco de dados COLORES (Contato Linguístico Oral da Região Extremo Sul). No contexto de constituição do banco COLORES, levamos em consideração o perfil da comunidade de fala, que retrata baixos índices de escolaridade: dados do SEBRAE-RS (2020) evidenciam que mais da metade da população não tem sequer o ensino fundamental completo e menos de 20% completou o ensino médio, o que nos levou a optar pela estratificação por tempo de escolaridade (até 4 anos; 5 a 9 anos; 10 a 12 anos) e não por etapa concluída. No entanto, ao selecionar os participantes, percebemos que muitos concluíram seus estudos por meio da Educação de Jovens e Adultos (EJA), muitas vezes após

um longo período afastados dos estudos formais. Assim, deparamo-nos com a necessidade de classificação desses participantes que, por vezes, possuem a titulação referente ao ensino médio, mas apresentam menos de 12 anos de escolaridade. A fim de investigar como os bancos de dados tratam a variável escolaridade e a classificação dos participantes com formação total ou parcialmente realizada através de EJA/Encceja, realizamos um mapeamento da estratificação da variável escolaridade em bancos de dados do país, com uma busca especial pelo enquadramento dos casos de formação via EJA. Os resultados da busca mostram que os bancos sociolinguísticos, em sua maioria, estratificam essa variável por grau de instrução (Fundamental, Médio etc. - ex. VARSUL, BDSer, LínguaPOA, BDS-Pampa etc.); a estratificação por tempo de escolaridade (até 4 anos, 5 a 9 anos etc.) aparece em manuais de sociolinguística (Coelho, 2015; Oliveira e Silva, 2012) e é utilizada por bancos como o Projeto Censo. Além disso, não encontramos informações sobre as células em que os participantes da EJA foram enquadrados, ou mesmo se esse perfil de participante foi incluído nos bancos de dados consultados. Freitag, Martins e Tavares (2012) apontam que, ao realizar exames supletivos, é necessário que o aluno demonstre o domínio de conteúdos equivalente a esse tempo de escolarização, incluído aí o domínio da norma culta. Contudo, essa equalização requer um olhar atento, já que a carga horária total da EJA equivale a aproximadamente um terço da carga horária total do ensino regular. Além disso, é preciso pensar o impacto da EJA no ensino da língua materna, considerando que uma das metas principais do ensino escolar é o domínio da modalidade escrita e da variedade de prestígio do português brasileiro. A esse respeito, Kleiman (2012) pondera que a aprendizagem da modalidade culta falada e escrita da língua nesse contexto configura um processo de diglossia, que pode gerar perdas linguísticas e dilemas de identidade para os falantes, via de regra pertencentes a minorias sociais. As consequências desse processo para a realização de fenômenos linguísticos variáveis ainda são desconhecidas, mas não podem ser ignoradas.

Palavras-chave: educação de jovens e adultos; bancos de dados sociolinguísticos; estratificação de escolaridade.